

RESUMO

A presente investigação apresenta e reflete sobre as concepções de educadoras de três escolas confessionais de Cuiabá/MT, acerca dos usos da leitura e da literatura em suas salas de aula. Os referenciais teóricos escolhidos nos permitiram fazer um paralelo entre o processo histórico de formação da infância em séculos passados, em que a leitura e a literatura infantil tiveram como finalidade primeira transmitir informações de cunho moral, como forma de enquadramento das crianças nas normas sociais prescritas pela sociedade através da criança religiosa, e a leitura em nossa atualidade como necessidade numa sociedade letrada e secularizada. Foi possível concluir que a Literatura Infantil nessas escolas é, cotidianamente, usada para a moralização na prática pedagógica. Nas duas escolas evangélicas as histórias infantis são usadas também para doutrinação das crianças nos princípios das Igrejas que patrocinam as escolas. Constatou-se que as histórias da Bíblia têm mais ênfase nas escolas evangélicas, embora também sejam usadas na escola católica; são histórias contadas às crianças com um caráter predominantemente voltado para a edificação, e com sentido salvacionista.

ABSTRACT

This investigation presents and reflects on the conceptions of educators in three confessional schools in Cuiabá, MT, about the use of reading and literature in their classrooms. The chosen theoretical references made it possible to establish a parallel between the historical process of formation of children in past centuries, where reading and children's literature had as its primary objective to transmit information of a moral nature as a way of fitting children into the social norms prescribed by society through the religious child, and reading today as a necessity in a literate and secularized society. It was possible to verify that Children's Literature in these schools is daily used for moralization in the pedagogical practice. In the two evangelical schools, the children's stories are also used for indoctrinating the children into the principles of the churches that sponsor the schools. It is evident that the Bible stories are more emphasized in evangelical schools, although they are also told in the Roman Catholic school; they are stories told to the children predominantly for edification and in a Salvationist sense.

A LEITURA COMO PASSAPORTE PARA A REDE[~]ENÇ[~]ÃO DAS ALMAS*

*Ana Arlinda de Oliveira***

Entre a Época Medieval e a Renascença, o hábito de leitura das Escrituras Sagradas está sedimentado entre as crianças. A literatura impregnada de moralismos e preceitos religiosos foi um dos veículos usados com a finalidade de disciplinar os indivíduos. A Igreja aprova ou desaprova as leituras de seus fiéis que, por serem julgados incompetentes, não têm liberdade de escolher aquilo que lhes agrada ler, pois esta escolha “é uma responsabilidade do doutor [da Igreja], que conhece as armadilhas da escrita e dela se esquia” (CHARTIER e HÉBRARD, 1995, p. 21).

Na França, dos primeiros anos do século XIX, o pensamento da Igreja ainda é o de que os maus livros são nocivos porque atingem as classes menos abastadas da sociedade, cuja salvação estaria mais segura se as pessoas se mantivessem na ignorância, reforçando com essa concepção sua hostilidade aos progressos da escolarização pública. Os doutores da Igreja falam de uma “exaltação dos sentimentos e das paixões profanas provocadas pela leitura de livros imorais ou irreligiosos, que são nocivas à ordem social e à salvação da alma, pois não há leitura ‘neutra’” (CHARTIER e HÉBRARD, 1995, p. 28).

O livro religioso constitui a base fundamental para a educação e moldagem das almas. O pensamento místico do começo do século XVII alimenta-se de uma literatura de oração e de espiritualidade. Nos anos de 1660, o livro de

* Pesquisa em nível de doutorado financiada pelo PICDT/CAPES, na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Campus de Marília-SP, orientada pela Prof^a. Dr^a. Cleide Marly Nébias, com o título “A leitura e os textos literários no contexto de escolas confessionais”.

** Professora da Universidade Federal de Mato Grosso – IE-DEOE, Doutora em Educação pela UNESP, campus de Marília/SP.

religião difunde-se de tal maneira que atinge quase a metade da produção, num centro irradiador de cultura como a cidade de Paris. Até o fim do século XVIII, uma verdadeira “invasão devota” (CHARTIER e ROCHE, 1995, p. 103) impõe à livraria os guias espirituais de uma França religiosa, que não se confunde mais somente com as elites urbanas, porém se descobre como um país de missão.

Entre os séculos XVII e XVIII a leitura adquire importância mais concreta nos países da Reforma. Cada fiel deve “aprender a ler e ver com os próprios olhos o que Deus ordena e comanda através de sua Palavra Sagrada” (CHARTIER, 1991, p. 120).

Nas escolas da Reforma o currículo foi impregnado por um profundo espírito religioso. Decoravam-se catecismos, credos e cerimônias da Igreja. A Sagrada Escritura passa a ser o livro didático. O trabalho pedagógico da escola resumia-se na exposição da literatura, da doutrina cristã e no desenvolvimento das habilidades exegéticas e de polêmica (MONROE, 1985, p. 176). Assistiu-se ao desabrochar de uma devoção espiritual, pela qual o indivíduo adquire, ainda criança, o hábito de uma oração pessoal enquanto, entre os irmãos mais velhos, recitavam os salmos. A leitura era feita em voz alta e comentada pelo pastor, ao passo que as crianças liam em silêncio.

As paróquias tomavam para si a tarefa da alfabetização, que naquele momento consistia na aprendizagem da leitura, e a partir daí obrigavam seus fiéis a se submeterem aos exames periódicos, em que se verificavam as capacidades de leitura e os conhecimentos do catecismo; decorrendo disso a interdição da comunhão e do casamento àqueles que não liam e nada sabiam sobre o catecismo.

Toda uma campanha de aprendizagem da leitura se intensifica na Europa, entre 1690 e 1720, porém é “um saber ler de origem e uso religioso” (CHARTIER, 1991, p. 121). Obviamente era uma campanha dirigida às elites, porque para o povo a educação religiosa baseia-se no ensinamento oral e na memorização daquilo que se desejava que fosse interiorizado como preceito. Existe nítida separação entre o que se queria

formar nas camadas populares e na elite, mesmo porque esta possuía maior poder aquisitivo para adquirir livros.

Para a organização da Igreja, interessava mais examinar os conhecimentos religiosos dos fiéis do que propriamente a sua capacidade de leitura; nessa época são constatadas recitações sem compreensão, respostas decoradas que provam que a catequese não visava uma leitura pessoal da Bíblia, mas apenas a memorização de fórmulas ensinadas.

A Segunda Reforma, no final do século XVII, determina que a leitura da Bíblia, que pressupõe o domínio da capacidade de interpretação, seja uma exigência para todos os cristãos, primeiro através do ensino mútuo, e, a seguir, pelos Estados, nas ordenações que regulam os programas das escolas elementares.

Nos países da Reforma Calvinista, para os alfabetizados a leitura da Bíblia deve ser uma prática doméstica, popular e cotidiana. Os protestantes, a partir da Reforma, possuem mais livros e mais bibliotecas que os católicos, cujo acervo se constitui de livros de devoção e espiritualidade, manuais de preparação para a ceia ou para a confissão (CHARTIER, 1991).

Nas famílias, é freqüente a leitura feita pelo pai, em voz alta, na presença dos filhos. A família protestante reúne-se ao redor do livro, principalmente da Bíblia, porque através dos preceitos nela contidos “o cristão organiza a existência que é ao mesmo tempo real e sonhada” (CHARTIER, 1991, p. 159). As crianças ouvem constantemente, e de forma repetida, dos adultos, a leitura da Bíblia, reconhecendo de imediato textos já ouvidos que foram memorizados. A leitura é algo a ser memorizado e ruminado também pelas crianças. Ler significa retomar sempre os mesmos textos, pouco numerosos além da Bíblia, transmitidos de geração em geração. As leituras decoradas pelas crianças remetem a um tradicional costume da sinagoga, que se caracterizava pelo método de uma obsessiva memorização e de declamação oral e em coro (MANACORDA, 1997).

A quantidade de leitura também é controlada. William Penn apud Chartier propõe aos leitores:

Tende apenas alguns livros, porém bem escolhidos e bem lidos, relativos a assuntos religiosos ou civis. Ler numerosos livros só afasta demais a mente da meditação. Ler muito constitui uma opressão da mente. (CHARTIER, 1991, p. 134)

Os métodos empiristas de ensino da leitura atentam para a disciplina e asseguram constância na leitura:

Sede aplicados ao ler a Sagrada Escritura: primeiro, toda manhã e toda a noite deves ler um capítulo de vossa Bíblia ou alguma passagem de um sermão piedoso, e quando ledes não deves percorrer o texto e depois largá-lo, é melhor não ler que ler assim. A ler deves dar especial atenção ao que ledes, e ao terminar deves retomar o que acabastes de ler. (CHARTIER, 1991, p. 134)

Leitura que se repete, que se memoriza – esse era o método que se difundiu entre os protestantes. A criança era também obrigada a internalizar os significados do adulto, em sua relação com a leitura, ou seja, ela repetia e decorava uma leitura de textos que eram do mundo adulto, que com seus moralismos, era o referencial de redenção para a criança.

A leitura dos textos bíblicos circulava mais entre protestantes do que entre católicos. Os textos religiosos “habitam a mente dos fiéis” e fornecem referência e conforto para a organização da vida cotidiana. “O cristão é docemente penetrado pelos sopros celestes [...] enquanto recita passagens da Bíblia” (CHARTIER, 1991, p. 135).

Num trajeto inverso ao da Igreja de Roma, as igrejas da Reforma, fundamentadas apenas na fé e na leitura pessoal da Bíblia, encerram o indivíduo numa rede de ensinamentos e práticas de leitura, cujo texto bíblico é sua essencialidade. A referência do católico não é diretamente o contato com a Bíblia como leitura pessoal, mas a leitura do catecismo, em que a

base são os dez mandamentos adaptados pela Igreja e os sete pecados capitais. Como textos bíblicos, a igreja católica faz uso dos Evangelhos e das Epístolas para a exortação dos fiéis, enquanto a Reforma propõe através da leitura da Bíblia o diálogo direto com Deus, os católicos, até então, fazem a leitura pela via dos escritos dos padres, eleitos emissários e intermediários da mensagem divina entre Deus e os homens.

MONROE (1985, p. 173) ressalta que, no Renascimento, ao desenvolver-se o espírito crítico, duas concepções fundamentais de religião entram em conflito. Uma considerava a religião como uma verdade completa revelada pela Divina Providência e confiada a uma instituição que, em sua origem, constituição e autoridade era tão divina quanto a própria revelação original. Para a segunda, a religião era uma verdade divina em sua origem, mas só se completava pela evolução e com o gradual desenvolvimento do espírito do homem. Não era uma verdade completa, mas verdades cujos princípios vão aperfeiçoando-se na medida da sua aplicação à vida dos homens. A primeira concepção acredita na verdade completa da autoridade da Igreja, a outra na razão do indivíduo. Como reação à Reforma, a Igreja Católica Apostólica Romana faz a contra-reforma instaurando em 1542 a Inquisição, principal meio repressivo para refrear os descontentes, combatendo o protestantismo ou qualquer outra forma que julgasse herética da doutrina cristã. A Educação é controlada pelas novas congregações de ensino que são convocadas para essa luta, da qual a Companhia de Jesus foi a principal agente.

Para o protestantismo emergente, a leitura do texto bíblico pelo fiel torna-se a pedra angular da fé, e há estreita ligação entre religião e aquisição da habilidade de leitura, principalmente a leitura de exemplos edificantes, que utiliza como injunção para guiar as consciências. A leitura através do sermão vai produzindo seus efeitos de subordinação das almas, torna-se um exercício de devoção, um alimento para o espírito, pretendendo proporcionar ao cristão reformado a abertura do caminho para o diálogo pessoal com Deus, através do aperfeiçoamento individual.

Toda essa visão adultocêntrica é vivida também pela infância, que passivamente vai internalizando esse conjunto de normas de civilidade e religiosidade. Ela é a depositária de concepções criadas pelo mundo adulto, e não tem reconhecidos os seus direitos de intervir no processo sociocultural que também lhe diz respeito, como elemento que integra o grupo social. O adulto e o poder que lhe é conferido exercem drasticamente “uma função domesticadora e coercitiva, dificultando a participação da criança na História enquanto sujeito” (PERROTI, 1990, p. 16).

Se hoje a família contribui de alguma maneira para manter a tradição de contar histórias para suas crianças, esse não era o costume até o final da Idade Média. Sob a influência do novo clima moral, surge no século XVIII um tipo de literatura pedagógica infantil distinta dos livros para adultos. O uso de personagens da literatura infantil, com o propósito de dominação das crianças, está registrado numa gravura, do fim do século XVIII, no livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, acompanhada de um texto que apresenta várias dessas personagens aplicando castigos físicos, com a ajuda de uma máquina a vapor inventada para a correção das crianças. O texto, em tom de ameaça, diz:

Avisamos aos pais e mães, tios e tias, tutores, tutoras, diretores e diretoras de internatos e, de modo geral, todas as pessoas que tenham crianças preguiçosas, gulosas, indóceis, desobedientes, briguentas, mexeriqueiras, faladoras, sem religião ou que tenham qualquer outro defeito, que o senhor Bicho-Papão e a senhora Tralha-Velha acabaram de colocar em cada distrito da cidade de Paris uma máquina semelhante a apresentada nesta gravura e recebem diariamente em seus estabelecimentos, de meio-dia às duas horas, crianças que precisem ser corrigidas. Os senhores Lobisomem, Carvoeiro, Rotomago e Come-sem-fome e as senhoras Pantera Furiosa, Caratonha-sem-dó e Bebe-sem-sede, amigos e parentes do Senhor Bicho-Papão e da Senhora Tralha-Velha,

instalarão brevemente máquina semelhante, que será enviada às cidades das províncias e, eles mesmos, irão dirigir a execução. O baixo preço da correção dada pela máquina a vapor e seus surpreendentes efeitos levarão os pais a usá-la tanto quanto o exija o mau comportamento de seus filhos. Aceitam-se como internas crianças incorrigíveis, que são alimentadas à pão e água. (FOUCAULT, 1991, p. 32-33)

Nesta narrativa apresentada por Foucault existe uma ligação estreita e negativa de utilidade entre leitura, literatura infantil e castigo físico. As personagens da literatura infantil que povoam a imaginação das crianças, tornam-se, através do poder dos adultos, seus algozes.

A história da Literatura Infantil está relacionada à formação da família burguesa, a partir do fim do século XVII, quando se começa a valorizar as ligações afetivas entre pais e filhos, e vai aparecer no contexto da nova família, como consequência da divisão das faixas de idade. Ela se torna um dos instrumentos, assim como já é da Igreja, da pedagogia, para inculcar seus princípios, sendo ainda utilizada para a dominação; não porque apenas provê textos para essa faixa de idade, mas por “aliar-se ao ensino e transformar-se em seu instrumento” (ZILBERMAM e MAGALHÃES, 1987, p. 12). Textos lúdicos foram considerados perigosos, sendo portanto, afastados das primeiras experiências do escolar.

(...) o livro para a infância assumiu desde a sua origem, uma personalidade educativa. Ao invés do lúdico, adotou uma postura pedagógica, englobando valores e normas do mundo adulto para transmiti-los às crianças. O ludismo, porque condenado como escapista e fantasioso, foi banido para obras sem maior importância e de livre trânsito entre as camadas populares. (...) o livro tornou-se simulacro da escola, por ensinar sempre uma atitude ou um saber. (ZILBERMAN, 1990, p. 100)

A bibliografia edificante tinha como preocupação central prevenir a juventude contra a devassidão. Os livros lidos pelas crianças trazem embutida em suas páginas uma proposta utilitária de refinamento simultâneo, das maneiras e do espírito, e a instrução na religião e no decoro, para que as crianças e jovens não se tornem ímpios e nem perniciosos.

A filosofia burguesa marcou de modo fecundo o gênero ao identificá-lo com a mentalidade educativa, no que ele tinha de utilitarista, e impôs às crianças textos que se expressavam pela moral explícita e pelo cunho pedagógico e entretenimento dirigido “com a finalidade de moldar a infância” (KHÉDE, 1986, p. 9). A Literatura Infantil foi o gênero convocado para servir de instrumento que, aliado à pedagogia, buscou “converter cada menino no ente modelar e útil ao funcionamento da engrenagem social” (ZILBERMAN, 1986, p. 18).

Desde a sua origem a Literatura Infantil é vista como uma forma menor e, ideologicamente, atrelada aos destinos da escola. A utilização dessa forma literária ocorre simultaneamente à difusão de uma política de alfabetização oferecida às camadas populares, a partir do século XVIII.

Dois fatores convertem a Literatura Infantil num gênero social com visíveis implicações pedagógicas e como interessada na transmissão de modelos adultos:

- o cruzamento entre o reforço dos procedimentos pedagógicos aos quais cumpria a formação intelectual do sujeito e a ênfase no domínio da leitura;

- a instalação da escola como o coração da vida social e a produção crescente de livros para crianças (ZILBERMAN *in* KHÉDE, 1986, p. 20).

Sobre a utilidade da literatura, Santo Agostinho, cujo pensamento influencia de forma decisiva a formação e o desenvolvimento da filosofia cristã no período medieval, escreve nas Confissões, em tom de penitência, sobre os pecados de sua meninice, atentando para o fato de preferir conhecimentos que ele chama de vãos, em detrimento daqueles ditos proveitosos, “arrastado unicamente pelo gosto”, em que

considera “dulcíssimo e divertido a história do cavalo de pau cheio de gente armada e o incêndio de Tróia...”. Ele narra que era fustigado para aprender as letras, que julgava como útil, culpando-se do jogo de bola que “o impedia do aprendizado das letras, com as quais, adulto haveria de jogar mais perniciosamente” (SANTO AGOSTINHO, s.d., p. 37-39).

Os primeiros contatos de Santo Agostinho foram com as letras gregas, que odiava, ao passo ser ele um apaixonado das letras latinas, “Aqueles primeiras letras, por cujo meio poderia chegar, como ainda faço, a ler tudo o que está escrito [...] eram melhores por serem úteis...” No entanto, Santo Agostinho refere-se ao prazer de ler as histórias, dizendo que “embora não soubesse o latim, o aprendi entre o carinho das armas, os chistes dos que se riam e as alegrias dos que brincavam, sem medo algum ou tormento[...]”. Conclui ele, sobre a formação do gosto pela leitura, que a curiosidade livre tem mais força para instruir do que a necessidade inspirada pelo medo.

A literatura moral e pedagógica do século XVII vai fazer de trechos bíblicos sua bandeira para o ensino da leitura, com o sentido de normatizar o comportamento da sociedade.

Historicamente, a educação da infância foi atrelada à religiosidade e à civilidade, e a esta última sob fortes influências da primeira. Os exemplos edificantes fizeram parte das leituras que visavam uma formação voltada para o ideal de virtude. A escola assume este ideal, fazendo a intermediação entre a criança e o livro, que se torna um instrumento para o ensino e, consequentemente, de manipulação ideológica. “Sempre existe o perigo de que o conteúdo do exemplo ultrapasse excessivamente a sensibilidade moral e o embote” (BENJAMIM, 1984, p. 20). Parece evidente que este “enquadramento compulsório da criança num mundo de adultos enrijecidos” (BENJAMIM, 1984, p. 13), por meio de um exagerado ensino moralizante, não considera todo o imaginário do mundo da criança, nem leva em conta que ela não é perversa e nem virtuosa, mas que é alguém que potencialmente pode desenvolver-se para viver sua liberdade de expressão de pensamento e fazer suas próprias escolhas vivenciais.

É possível observar que ainda sobrevive, em nossa atualidade, muito do que foram as práticas de leitura de séculos passados, não obstante pesquisadores da área da linguagem tenham todo o empenho de, por intermédio de estudos, revelar, refletir e sistematizar novas idéias. É lamentável que essas reflexões demorem tanto tempo a chegar aos educadores voltados para o ensino das crianças e, mais penoso ainda é verificar o quanto de resistência há em se apropriar desses conhecimentos, tomá-los para sua prática pedagógica, porque historicamente outros saberes foram impostos a ferro e fogo pelas instituições implicadas em educar. Embora estas afirmações possam parecer pessimistas, podemos dizer que estamos vivendo um momento com maior liberdade de opção, mas ainda temos de perguntar a quem realmente é dado o acesso à leitura e aos livros; tantos livros, tantas leituras, cada qual com sua função social.

O que os estudos têm mostrado é que a história das práticas de leitura não é definitiva, porque é preciso construir e desconstruir, buscando um lugar que não seja a prática monológica, promovendo novas formas de propiciar a leitura e de ameaçar cada vez mais leitores que consigam compreender o significado que tem esta prática numa sociedade letrada.

O inventário das práticas de leitura de outros tempos e outras sociedades, anteriores à nossa, está em andamento, porque continuamos herdeiros e reprodutores de concepções que não refletem o estado atual do acervo de leitura e os saberes, nele contidos, que a atual sociedade segue construindo. No entanto é possível entender que o passado de leitura daqueles sujeitos, com os quais nos encontramos nos livros, não pode repetir-se hoje, sob pena de reproduzirmos, como legado daqueles tempos, leitores submetidos a uma única temática, e às imposições idiossincráticas das instituições que continuam a reger nossa vida cotidiana.

É necessário aos educadores conhecer o contexto educacional e as concepções em que o adulto inseriu a criança em formação. Acredito que a infância e sua formação vão interes-

sar aos nossos pares porque a educação se dá com o sujeito-criança, que é o objetivo do nosso trabalho na escola.

A leitura e a literatura no cotidiano das educadoras

As reflexões que produzi na pesquisa estão estreitamente relacionadas com as concepções que historicamente foram sendo construídas para a educação da infância e o modo como é tratada hoje a aquisição de leitura e a recepção dos livros literários pelas crianças.

Apresento discursos de professores, coordenadoras pedagógicas e bibliotecárias de três escolas confessionais – Escola Adventista “Centro América”, Escola Presbiteriana de Cuiabá e Colégio Coração de Jesus, em Cuiabá Mato Grosso - que mostram que a leitura é ainda tratada como algo edificante que pode levar à criança a redenção da alma por conta das leituras que seus professores oferecem na escola.

Ao solicitar que explicitasse o que era ler, a única bibliotecária com formação na área e experiência em grandes bibliotecas, concebe que ler pode ser um ato carregado de idealização:

Ler é levar a gente para um mundo diferente... do que a gente está. A leitura faz a gente sonhar... ter uma vida diferente. Como a leitura pode ser perniciosa e levar para o mal, a leitura também pode levar para o bem.
(IROD – biblio. – CJ)

O discurso dessa bibliotecária coloca a leitura num plano maniqueísta em que por intermédio dela é possível condenar ou redimir o leitor por suas leituras. A leitura nessa forma de pensar é concebida para a formação de uma vida espiritual reta aos olhos de Deus. Repete-se nessa fala a idéia de leitura como ponte para a salvação ou perdição da alma, que se aproxima daquilo que prescreve as Instruções Cristãs do século XVII.

Se a leitura pode levar para um mundo diferente daquele em que estamos, em que é possível sonhar e ter uma vida diferente, parece que o leitor não é um leitor real, concreto, mas um leitor idealizado e circunscrito a determinadas leituras autorizadas ou não autorizadas. A leitura, nesta concepção, é o fermento que pode tornar o mundo melhor ou pior.

A concepção de leitura expressa pela bibliotecária do CJ está inserida num Modelo Tradicional de Leitura, pois apresenta uma visão romântico-religiosa de que é possível sonhar e ter um mundo diferente enquanto se lê, desde que o leitor escolha as boas leituras; ao contrário, a leitura é condenação. BRITTO (1994, p. 72) afirma que a leitura não tem sentido em si, mas apenas em função dos objetivos, porque se lê pelas mais variadas razões e em diferentes situações. “Não há nenhum valor ético ou moral associado ao exercício da leitura: ela se presta a muitas finalidades e é realizada por pessoas de todas as índoles, de qualquer ideologia” (BRITTO, 1999, p. 98). Para esse autor a leitura não é boa nem má, e o sujeito vai ler aquilo que tenha relação com seu modo de vida, com suas necessidades pessoais e profissionais, com os vínculos culturais e sociais. O que Britto concebe como primordial é o direito que o leitor tem de gostar mais disso ou daquilo, encontrar mais ou menos prazer em ler. Às suas escolhas pessoais, ao direito de ler ou não ler o que quiser e como quiser, é que Britto denomina transitividade do leitor, portanto, não há limitação de apreensão do leitor pois este é um ser aberto aos significados.

A frequência de leitura entre as professoras e os outros segmentos dessas escolas, evidenciou que boa parte das educadoras não é envolvida com a leitura ou limita-se a uma determinada tipologia de texto:

Leio. Só que agora estou lendo assim mais os livros do curso que estou fazendo do CEIBEL, que é a preparação de obreiros. (VAN – coord. – EP)

Diferentemente das escolas evangélicas, no CJ as pro-

fessoras afirmaram com bastante otimismo ler frequentemente textos variados.

Eu leio. Olha, eu leio paradidático, leio livros espíritas, eu leio o evangelho... (risos). Eu li vários de... Shakespeare, O mundo de Sofia... Me empolgo, leio rápido! (ELI – prof. – CJ)

Muito! Olha, eu leio jornal, revista, mas a minha preferência é livro. Olha, eu gosto muito de romance... gosto muito de literatura brasileira, que eu já li bastante. E livros de Psicologia. Leio a revista Nova Escola... Gosto de leitura variada, mas minha preferência é livro mesmo!... O Xangô de Baker Street, Pássaros feridos... Sabe, eu anoto os livros que eu leio, porque a gente lê bastante... a gente esquece. (THE – prof. – CJ)

Leio. Eu gosto muito de leitura informativa... ler jornal, revistas... livros com fatos verídicos. Não gosto de suspense! Leio com frequência a Folha e Isto É. Li toda a coleção de Érico Veríssimo e Machado de Assis. (CEL – coord.- CJ)

Parece ser evidente que a limitação de acesso aos textos pelos alunos, nas igrejas evangélicas, além de estar relacionada com a filosofia dessas escolas é também consequência da limitação que seus professores fazem de suas próprias leituras, pois além do professor ser ele mesmo um leitor comum é também um leitor institucional. Fica evidenciado que a história de leitura dessas professoras tem consequências para seus alunos, na medida em que é impossível para um professor ao assumir que não tem tempo ou não gosta de ler, fazer a mediação entre a leitura e as crianças no sentido de um contato significativo com os textos. Neste aspecto, as professoras do CJ mostram que a variedade textual, seja funcional, informativa ou literária, é importante não somente para elas, como

leitoras, mas também para seus alunos. A influência das professoras pode ser decisiva para a criança vir a interessar-se pelos mais diversos gêneros da literatura.

As leituras pessoais de algumas dessas professoras estão muito ligadas à leitura de textos bíblicos ou doutrinários, principalmente nas escolas evangélicas:

As leituras que eu mais gosto... que me chama atenção, é como se fossem livretos... nem é tanto livro, sabe. Eu estou lendo agora 'O que fazer quando o barco está afundando'. Ele é um livro da Igreja Presbiteriana.
(VANI – prof. – EP)

Eu gosto muito de leitura assim... agora eu estou lendo mais a parte da Bíblia. Eu gosto muito de livros que interpretam aquilo que eu estou lendo na Bíblia. Livros espirituais... esses livros eu estou mais interessada de ler. Os que me chamaram mais atenção, foi nessa área mesmo, espiritual. Agora... estou lendo um que fala sobre... é espiritual também... a ação do inimigo nas nossas vidas.
(VAN – coord. – EP)

Olha, eu gosto muito de histórias. Eu gosto muito de ler o livro da Sr.^a White. Estou lendo a 'História da Redenção', é a história do plano de Deus para o mundo.
(IVE – prof. – EA)

Pergunto a IVE se ela se lembra de outros livros lidos que não façam parte da Doutrina de Igreja. Ela silencia e depois responde evasivamente:

Eu já li tantos assim... (IVE – prof. – EA)

Pelas falas das entrevistadas é possível dizer que qualquer história, seja da Literatura Infantil ou não, comumente é

usada na sala de aula para moralizar, doutrinar ou ensinar conteúdos escolares. Leitura como fonte de divertimento e prazer estético é expresso em nível dos discursos pois, quando se trata de relatar a prática, surge sempre o valor utilitário da Literatura Infantil. A leitura como divertimento não parece ser a tônica nessas escolas, principalmente nas evangélicas. As leituras de grande parte dessas professoras estão restritas a umas poucas tipologias, geralmente aquelas de cunho religioso. A idéia de prazer parece não ser muito bem vinda, o que é demonstrado pela capelã da EP, responsável pela “Devocional”, num artigo publicado no jornal da escola denominado Infor-EPC:

Todos queremos ser felizes, mas erramos ao pensar que o prazer é o caminho mais certo para a felicidade. Os prazeres nos ajudam a esquecer as rotinas da vida, mas não satisfazem a alma. Uma das maiores tentações com que nos defrontamos é a de colocar os prazeres antes de Deus. (AUR – capelã – EP)

A mediação religiosa na formação do leitor: leituras sancionadas/leituras não autorizadas

As educadoras das três escolas da pesquisa deixaram claro, através de seus discursos, que existe a mediação religiosa na formação do leitor através das leituras que são oferecidas às crianças.

VANI da EP acha que, quando se trata de assuntos que “fala de bruxaria ou não sei lá o que veio...” [referência ao espiritismo], a escola deve se posicionar.

Então, a gente tenta falar... Não é falar “não vai assistir ou não vai ler esse tipo de livro...”. Procuro mostrar que aquilo não é uma forma de crescer, de aprender. No caso você tira uma lição. Tem uma outra literatura que vai

contribuir de uma forma positiva e melhor do que...
(VANI – prof. – EP)

Não somente na EP mas na EA houve unanimidade entre os entrevistados com relação à mediação religiosa na escola, relacionada ao que as crianças devem ou não devem ler.

Eu acho que sim. Até para a educação moral da criança é interessante direcionar. (IVE – prof. – EA)

Perguntei à IVE se, com relação aos professores, a escola e a Igreja devem interferir. Ela responde que a leitura deve estar voltada para a edificação.

Sim! A gente deve escolher o que ler... Uma leitura sadia... uma leitura que vai te edificar... (IVE – prof. – EA)

IVE afirma que quando conta histórias, mostra exemplos de boa conduta, de virtude, ou seja, de religiosidade e de moral enfatizando que todas as histórias contadas em sala de aula têm essa conotação.

Eu procuro sim! Busco! É... gosto de pedir para eles dar a opinião deles... Eu busco mostrar esse lado. (IVE - Prof. – EA)

Refiz a pergunta para IVE, se ela achava necessário ao contar histórias, associá-las com assuntos como religiosidade ou moral, ao que ela responde:

Olha, às vezes eu conto as histórias mas não friso o lado da religião... porque nós temos uma grande parte dos nossos alunos... não são da nossa religião, da igreja. Então eu procuro contar a história e levar para o lado da moral, como deve ser tal, tal, mas não enfoco assim a religião, você entende? Assim, os princípios morais é a

coisa que todo mundo deve ter. Em qualquer religião tem! (IVE – prof. – EA)

Outra professora da EA entende que a escola deve direcionar as leituras dos alunos, mas o faz sobre seus próprios pressupostos de saber escolher o que é bom em leitura. É ela quem doa as boas leituras na sala de aula.

Sim! (responde dando ênfase). Eu na minha sala... eu passo para os meus alunos aquilo que é bom! Eu não digo pra eles: 'Ó, você não vai ler tal revista!' Não! Eu acho que é uma coisa particular deles, mas passo aquilo que é bom para eles. (JAC – prof. – EA)

JAC certamente é bem intencionada com as leituras que oferece aos seus alunos, porém ao finalizar sua fala deixa claro que há conseqüências para as más escolhas de leitura. Na EA, conforme foi observado, as crianças não têm tantas oportunidades de escolha, pois essas escolhas são predeterminadas pela coordenação e pelas professoras.

Você tem que saber escolher porque... a escolha que você faz é o que você recebe! (JAC - prof. – EA)

Provavelmente com base nesta premissa é que a leitura para MAR e ON da mesma escola, respectivamente bibliotecária e coordenadora pedagógica, devem estar voltadas para a edificação da vida espiritual:

O que não vai trazer edificação... pra vida... vida espiritual... Há uma seleção. (MAR – biblio. – EA)

Nós procuramos desenvolver os alunos em todos os aspectos, especificamente no espiritual, depois no moral. Você (a escola) deve dar princípios. (ON – coord. – EA)

No CJ somente a bibliotecária explicita, o mesmo posicionamento das escolas evangélicas.

Por ser... religiosa, eu acho que sempre a gente tem que direcionar. Nós procuramos ter dentro de nossa biblioteca coisas que não firam... de modo que já é um meio de direcionar. Agora, a gente não faz assim: 'Vocês não podem ler isto, não pode ler aquilo!' Nós não fazemos propriamente isso, mas nós não temos na biblioteca coisas que possam... (IROD – biblio. – CJ)

Perguntei para IROD se ela vetava livros cuja temática não achasse adequada para a criança. Da mesma maneira como foi anteriormente explicitado pelas crianças, IROD também se preocupa e teme assuntos como a sexualidade.

Eu tenho medo. Eu tenho medo de livros assim... Educação Sexual de pessoas que não conheço. Eu tenho medo, porque posso... distorcer a criança. Eu dou uma olhada e... peneiro! (risos soltos) A Paulus (livraria), eu não tenho medo! Vozes... eu compro! (IROD – coord. – CJ)

As professoras do CJ, contrariamente à bibliotecária, responderam que a escola não direciona as leituras de seus alunos. No entanto, as professoras afirmam ter o cuidado ao fazer a filtragem dos livros antes deles chegarem à sala de aula, como forma de prevenir problemas.

Não! Os livros são os professores que escolhem. Só que, lógico, nós já temos o cuidado de ler antes. O ano passado eu peguei um livro que ia adotar... fala sobre um rio... É, tinha uma história bonita, sabe, mas tinha as palavras... tipo assim "desgraça"... com xingamento, sabe. (ELI – prof. – CJ)

ELI observa que para não criar problema, as professoras têm a preocupação de fazer a filtragem dos livros a serem lidos pelas crianças, porque as irmãs lembram que é preciso “não dar margem...pelo nome da escola”. Mesmo afirmando que a escola não tem esse procedimento, ao fazer leituras antecipadas para evitar aborrecimentos, ao ter que preservar o nome da escola, como lembra a irmã, fica evidente que aquilo que IROD afirmou em sua fala é mesmo o que a escola deve fazer nas questões pertinentes às leituras dos alunos. Aspecto que é mais uma vez negado pela coordenadora pedagógica.

Não! Nós nunca... a gente busca mesmo mais o interesse dos alunos! (CEL – coord. – CJ)

O que ficou evidenciado nas falas das professoras é que as escolas confessionais devem e fazem a mediação entre a leitura e a criança, tendo por base os princípios doutrinários das Igrejas que as mantêm. Como mostram os primeiros tempos da organização dessas Igrejas, suas escolas mantêm ainda os princípios de reprodução do que deve ser a vida e a formação do cristão. A escola é a continuidade da Igreja. As leituras que cada um escolhe pode trazer conseqüências para o leitor, porque estas estão ainda enquadradas nos dogmas religiosos, embora o discurso sobre a prática pedagógica relacionada à leitura expresse de liberdade de escolha.

**Usos da Literatura Infantil:
Moralização/doutrinação, ensino de conteúdos
escolares ou divertimento/apreciação do estético**

Nas escolas confessionais envolvidas na pesquisa, a Literatura Infantil é freqüentemente colocada como veículo para a moralização e/ou doutrinação, ensino dos conteúdos escolares nas diferentes áreas do currículo e com menos evidência para divertimento /prazer estético. Des-

tes o que mais se evidenciou foi o aspecto moralizante e doutrinário, por meio das histórias

É. Sim! Depende da história, porque tem histórias que não tocam no assunto. Esses dias mesmo nós lemos uma história de um menino que morava numa favela e o pai estava desempregado... Reuniu a família e falou que se ele não arrumasse emprego ele teria que ir embora, eles mudariam dali e não saberiam pra onde ir. E entrou o lado religioso. No final da história deu pra mostrar o lado religioso, porque esse pai saiu, procurou emprego o dia inteiro, aí voltou de tardezinha pra casa e as crianças foram correndo perguntar e o pai deu um sorriso porque ele conseguiu emprego. Aí, a criança antes de dormir... aí mostrava também o lado também social, moral...pra trabalhar, porque a criança foi assim, na janela e mostrou assim que ele não tinha cama, ele não tinha nada... Ajoelhou no chão, que era de barro... ajoelhou , olhou pela janela e agradeceu a Deus. Então deu pra trabalhar esse lado religioso, porque ele agradeceu a Deus. (NEI - prof. – EP)

Além de explorar na história o lado religioso, NEI da EP também procurou integrar as histórias da Literatura Infantil com outra área do currículo, mas ainda assim é sempre para o “despertamento” da criança, conforme propõe VAN da mesma escola.

Eu pedi pra eles assim; ‘Você conhece uma favela?’, ‘O que é uma favela?’ Se eles conhecem os bairros de periferia, o que acontece lá? Quem mora lá? A criança hoje em dia é muito esperta! Tem a televisão... Eu tenho trabalhado assim... pegar um texto... o texto dá uma visão pequenininha, você vai ampliando, no dia-a-dia da criança, o que ela vê... assiste na televisão e a gente vai ligando... (NEI – prof. – EP)

Na literatura ele (o aluno) vê uma história... ele vê uma moral... tirar alguma coisa dali... que ele leu. Então eu vejo assim, um despertar mesmo pra criança. (VAN - coord. – EP)

Um exemplo de como a Literatura Infantil pode ser usada como conteúdo moralizante e doutrinário foi narrado por VAN da EP, que trabalhou uma atividade em sala de aula com uma lenda do folclore brasileiro:

O negrinho (do pastoreio), é uma criança que foi criada numa fazenda sendo muito judiado e por fim colocado no formigueiro. “Tinha essa fazenda um preto velho que fazia macumbaria, esses negócios... a moral do livro era assim: que nós não devemos fazer acepção de pessoas, porque o negrinho, era sempre discriminado em vista das outras crianças. Então, a professora trabalhou o racismo e trabalhou religião. (VAN – coord. – EP)

VAN declara que as crianças precisam saber que existe uma variedade de religiões, ou seja, “várias maneiras de cultivar”. Ela conta que explicou aos alunos os tipos de culto e o vocabulário das religiões ligadas aos cultos africanos

(...) pra eles saberem que existe outros cultos, outros deuses, sem ser o Deus que nós adoramos, que nós falamos que é o Deus verdadeiro. Pra nós é um Deus verdadeiro, agora pro outro lá, ele acha que aquele é verdadeiro, mostrando pra criança que... ela não fica achando que é só esse, e depois quando deparar com o outro, aí ele acha que existe. (VAN – coord. – EP)

Após a execução dessa atividade na sala de aula, a escola teve problema com pais de alunos que, segundo a coordenadora, não entenderam a princípio o objetivo ao explorar esse texto.

O pai também vem questionar com a gente. Porque a nossa clientela é quase toda assim... alunos evangélicos. O pai chegou e falou que ele não aceitava o filho dele lendo aquele livro e aquele livro falava sobre Exu que era o deus verdadeiro, e que o deus verdadeiro dele (o pai) não é aquele deus, o deus verdadeiro dele é o Deus da Bíblia. (VAN – coord. – EP)

Segundo VAN, o pai questionou o fato da escola, sendo evangélica, oferecer às crianças aquele livro para leitura:

(...) esse livro foi dado de propósito. O professor fez todo um plano e deu... O aluno leu o livro porque ele estava trabalhando em todos os sentidos. (VAN – coord. – EP)

Coube à coordenadora então explicar ao pai qual tinha sido a intenção ao trabalhar esse texto na sala de aula.

Explicamos para o pai que a criança não pode ver só aquela linha, ele tem que saber todas as outras coisas e ter uma visão do outro mundo, do mundo que circula por aí... (VAN – coord. – EP)

Conhecer outras linhas, outras filosofias, tem contudo para VAN “um sentido” que torna-se claramente doutrinário quando ela pergunta:

(...) se ele é dessa filosofia (evangélica), como é que ele vai se defender das outras, se ele não conhece as outras? (VAN – coord. – EP)

E arremata dizendo:

Ele só pode se defender das outras teorias, das outras filosofias se conhecer, tanto a dele bem como ter noção de todas as outras... o que é para a vida dele e

também pode chegar num determinado ponto falando: “Por que me proibiram isso? Então, esse aqui deve ser bom!” Aí, pode pender para aquele lado também!
(VAN – coord. – EP)

O objetivo real que VAN pretende alcançar não é que seus alunos conheçam outras filosofias, outras teorias, como formas religiosas diferentes que coexistem na sociedade; sua intenção é que os alunos aprendam a se defender e que repudiem essas outras idéias.

Uma das lendas mais conhecidas do folclore brasileiro foi transformada duplamente nesta escola: em atividades pedagógicas e como âncora para reproduzir as Doutrinas de Igreja.

Também na EA a escolha do livro, que entendem como Literatura Infantil, está condicionada à filosofia da escola, segundo observou a coordenadora ON, cuja interferência é decisiva. MAR, a bibliotecária, acrescentou que em cada bimestre é adotado um “paradidático” pela coordenadora ON em que “ela olha se não vai afetar a filosofia da escola”.

Perguntei a MAR o que a filosofia da EA concebia como histórias para criança e o que elas deveriam ou não ler na escola. Ela respondeu baseada na Doutrina de Igreja:

*Pelo que eu entendo é... coisa que não vá além do criacionismo, que envolva essa coisa de bruxaria, feitiço... A gente não está ligado nessas coisas. Mas pode assim... historinhas de criança... simples... que não foge muito...
(MAR – biblio. - EA)*

Para MAR os temas da Literatura Infantil “não podem influenciar naquilo que a gente acredita”. Como consequência, alguns temas estariam fora do contato com as crianças.

Olha, no meu entender, seria... coisas que falam de vampiro, morte... porque eles deturpam um pouco. Não tem nada a ver com nossa filosofia! (MAR – biblio. - EA)

Entre as histórias não autorizadas estão as histórias de bruxa e entre as autorizadas alguns contos clássicos:

Não! ...a não ser “A Bela Adormecida”... “Branca de Neve” que a criança já sabe que não é aquela coisa pesada! (MAR – biblio. - EA)

MAR cita então um livro de Literatura Infantil que, entre outros, foi interdito pela escola:

Dráuzio! Eu nem sabia! Um pai veio comentar comigo que aquele livro, ele achava que não prestava para usar na biblioteca, que ali estava falando muito de vampiro... assim, coisa que não tem nada a ver com nossa filosofia. (MAR – biblio. - EA)

Para que as crianças não tivessem acesso a ‘Dráuzio’ a escola deu um fim ao livro:

Aí, eu já dei um fim no livro! Olha, esse “Dráuzio”, eu joguei fora! Eu falei: Se não serve pra gente, eu acho que também não vai servir pra outra pessoa!... e era só um também que estava no meio de tantos! (MAR – biblio. - EA)

O livro interdito pela escola é *Dráuzio* texto de Lúcia Pimentel Góes e ilustrações de Walter Ono, editado pela editora católica Paulus. Este livro recebeu o Prêmio Bienal Câmara Brasileira do Livro em 1986, como o melhor texto infantil e está atualmente na 9ª edição.

Segundo Góes, sua autora, a temática do livro trata de um resgate do mito, narrando a história de uma família de vampiros, na qual nasce um membro diferente. Dráuzio é um vampiro-criança agraciado por uma fada, que derrama pólen de rosa e perfume de violeta na primeira mamadeira do bebê-vampiro. Disso decorre que “ele será um vampiro diferente,

que acabará exilado pelos vampirões, lutando por sua verdade e contra as instituições ultrapassadas não por serem milenares, mas por não terem a menor razão de ser” (GÓES, 1996, p. 125). O que Góes propõe neste livro é a intertextualidade, pois reúne um misto de personagens como o conde Drácula, Matusalém e Zé do Caixão. No entanto, Lobato está presente pois Dráuzio nasce no mesmo dia, hora e local do nascimento desse autor, considerado símbolo da Literatura Infantil por seus questionamentos e propostas de mudanças. Dráuzio, em sua diferença, vai lutar contra o autoritarismo, os estereótipos, os preconceitos e as rejeições. O texto é repleto de humor. A narrativa atinge seu clímax quando Dráuzio é julgado pela Assembléia dos Vampiros.

WHITE (1994, p. 238), muito citada pelas crianças e suas professoras, e considerada a profetiza da Igreja Adventista, adverte os fiéis sobre o que é falso e o que é verdadeiro na educação das crianças, afirmando que se dá importante lugar aos contos de fada, mitos e histórias imaginárias. Pergunta White:

Como podem pais cristãos permitir que seus filhos usem livros tão cheios de mentiras? Para a autora, as idéias contidas nestes livros desencaminham as crianças, pois comunicam falsas idéias da vida, suscitando e nutrindo o desejo pelo irreal. O vasto uso desses livros em nossos dias, é uma das astutas maquinações de Satanás, que procura desviar a mente das pessoas, da grande obra de formação do caráter. A pretensão de Satanás é que nossas crianças e jovens sejam devastados pelos enganos destruidores da alma com que ele está enchendo o mundo, desviando suas mentes da palavra de Deus, impedindo-os de conhecer as verdades que os salvaguardariam.

Segundo concebe White, nunca devem ser colocados nas mãos da infância livros que contenham uma perversão da verdade.

Entre tantos livros “permitidos” havia um que a EA não percebeu. Com toda a certeza, se a escola estivesse atenta não teria deixado ao alcance das crianças o livro *Timbolão* psico-

grafado pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pelo espírito Casimiro Cunha, publicado pela Federação Espírita Brasileira em 1962, estando na 7ª edição, por ser um livro oriundo de uma filosofia oposta à da EA. Pela temática esse livro teria todas as possibilidades de ser aceito pela escola, já que é um livro altamente moralizante, que pune os indivíduos drasticamente por suas atitudes. O livro foi escrito em versos e narra as perversidades de um menino chamado Timbolão, expulso da escola por mau comportamento, pois era arrombador de cofres e malas, desrespeitador de cegos que espetava com alfinete na rua, desobediente e arruaceiro. Um menino que não se importava com os pedidos de sua mãe para que se tornasse bom. Mas uma casca de banana ao provocá-lo deu-lhe uma queda deu-lhe a inesquecível lição. No último verso a advertência às crianças é a seguinte: “Infelizmente, o menino, Por haver sido tão mau, Conquanto agora bonzinho, Ficou com perna de pau”.

Encontrei esse livro no armário junto com outros livros da sala de aula onde fiz observações. A escola não percebeu sua presença talvez porque tenha sido “entre tantos” trazido pela família de algum aluno, e a escola o colocou naquele armário onde as crianças, somente após fazerem as atividades escolares, é que podiam ler qualquer livro lá exposto. Era um armário com vários livros infantis misturados a outros, e mal acondicionados entre vários objetos. Assim como foi o pai que alertou a escola sobre *Dráuzio*, percebe-se que a escola, para além das interdições, não tem dado a devida atenção à Literatura Infantil como fonte de lazer e divertimento para seus alunos.

NEI da EP acha que é importante explorar questões como a virtude e os bons hábitos através das histórias contadas às crianças. Ela cita duas categorias que podem ser trabalhadas nas histórias infantis quando se trata de exemplos educativos: o da criança malvada e da criança bondosa.

É muito importante porque também como tem histórias que mostram assim, a criança malvada, o que acontece com ela e qual é o resultado... A gente sempre mostra o

resultado. A gente trabalha orientando os dois lados, mostrando o resultado, deixando a criança escolher, “O que você quer? Se você fizer isso...” Contando histórias bíblicas eu sempre mostro isso, “olha o caminho é aqui! Ó, esse menininho fazia...” Quando eu conto histórias bíblicas eu procuro mostrar, pegar exemplo de personalidade criança. Então, você orienta, você fala: “Olha é por aqui, se você fizer assim o seu prêmio (ou castigo) vai ser esse, esse e esse... agora, se você fizer isso, ó, o teu prêmio vai ser esse e esse. Você mostra os dois lados e deixa a criança escolher”. (NEI – prof. – EP)

Os contos clássicos da Literatura Infantil também passam por versões cristianizadas, cujo objetivo é adequar-se à Doutrina de Igreja. Dois exemplos de contos foram narrados: um pela coordenadora ON da EA e outro recentemente publicado na Revista de Educação Adventista, número 8, de 1988. O primeiro é uma versão cristianizada de João e Maria e o segundo uma versão escolarizada de Branca de Neve e os Sete Anões. Vejamos como ON faz sua versão de João e Maria:

A história de Joãozinho e Mariazinha. Só que essa é verdadeira! Eles eram dois irmãos. Eles viviam em uma família cristã...tinham um bom relacionamento com os pais...E onde eles moravam era um país que vivia em guerra... Determinado dia eles saíram da escola e ao retorno das aulas daquele dia eles observaram alguma coisa diferente... quando chegaram próximo a casa deles tinha pegado fogo. Então todos que moravam naquela comunidade é... perderam suas casas, assim como seus pais. A notícia correu. A autoridade da cidade vizinha mandou buscar aquelas crianças que haviam ficado sem lar. Aí, a autoridade anunciou... que quem tivesse desejo de crianças que a procurasse em tal lugar, dia... Joãozinho e Mariazinha oraram a Deus, pedindo que onde ficasse um o outro pudesse ficar também... que eles

não queriam se separar. E Deus atendeu! Muitas pessoas procuraram aquelas criança e, as primeiras pessoas não se engraçaram de Mariazinha e nem de ... João. As últimas pessoas é que começaram a se interessar por eles. Uma deles chegou na Mariazinha e perguntou: “Você quer ir morar comigo?”. “Ah, eu quero mas só vou se meu irmão for!”. O casal estava em conflito, porque o marido queria um menino e a esposa queria uma menina. Aí, a mulher saiu para ver essas crianças... ela gostou da menina e depois ao conhecer o menino, também gostou... Levaram as crianças para casa, deu banho e deixou as crianças na sala, e quando ela foi preparar o lanche ouviu um soluço. Ela perguntou para as crianças; “O que está acontecendo?”. Aí, as crianças chorando... apontavam uma fotografia que estava na estante “É mamãe! É mamãe!”. Falaram que aquela fotografia era a mãe. Aí, ela sem saber “as crianças que estão comigo são meus sobrinhos! Ela mostra que quando a gente entrega o problema...”. (ON – coord. – EA)

A Literatura Infantil frequentemente foi citada como um veículo para o ensino dos conteúdos escolares. A sexualidade e o uso de drogas foram os temas que as escolas mais relacionaram com a leitura da Literatura Infantil. Em vários momentos das entrevistas as educadoras tocaram nestes aspectos.

Esse livro que eles pegaram “Deus me fez assim” é muito importante, porque ensina pra eles uma coisa que às vezes eles aprendem errado, por fora... Então eu acho que esse assunto “Deus me fez assim”... da sexualidade infantil é muito interessante, chamou a atenção mesmo! (IVE – prof. - EA)

É...Educação Sexual que estamos analisando, porque nós somos contra a masturbação. Nós não precisamos usar camisinha, como aí a mídia faz... como a sociedade

aborda. O sexo é permitido após o casamento, entendeu? Nós falamos como está na Bíblia! Droga é pecado, álcool é pecado. Tudo o que faz mal pro nosso corpo é pecado... entendeu? Nós procuramos ajudar as crianças a se conscientizarem quanto à conservação do corpo, trazer uma mente clara, que vai ajudar a discernir entre o bem e o mal, entendeu? (ON - coord.- EA)

Histórias Bíblicas: obediência versus desobediência

O tratamento que essas escolas dão às histórias da Bíblia e às histórias, sejam clássicas ou contemporâneas entram, frequentemente, na categoria da moralização, através dos exemplos. Historicamente, a educação da criança foi baseada nos exemplos dos homens que a Igreja considerou santos e dos heróis escolhidos pelo Estado.

Para as professoras e demais segmentos dessas escolas envolvidos com a leitura da Literatura Infantil, é preciso ter claro os objetivos quando se conta histórias da Bíblia para as crianças:

As histórias bíblicas são uma lição pra gente! É uma experiência mostrando que se pode ver da criação até o final... Mostram ensinamentos, experiências que servem para os dias de hoje. (NEI – prof. - EP)

NEI da EP complementa dizendo que as personagens bíblicas

(...) passaram por experiências difíceis, e elas conseguiram vencer...o porquê elas não conseguiram (...)
(NEI – prof - EP)

Olha, as histórias da vida de Jesus, eles gostam demais! Quando a gente conta eles... prestam atenção mesmo, perguntam! (IVE – prof. – EA)

Para IVE o objetivo para se contar a vida de Jesus na escola é salvacionista.

Ah, o objetivo é mostrar para eles como Jesus andou, o amor de Jesus por cada um de nós. É que ele chegou a nos amar tanto, de enviar seu próprio filho para morrer para nos salvar (IVE – prof. – EA)

IROD, a bibliotecária do CJ, tem como certo que as professoras devem fazer comentários sobre a vida de Jesus pois

(...) às vezes, elas (as crianças) vêm todas querendo um livro da vida de Jesus. Olha, os livros ensinam muita coisa boa para as crianças. Você sabe que eles gostam muito de livros religiosos? As crianças gostam muito! Vida de Jesus, de Nossa Senhora... quanto eu trago, quanto eles lêem... (IROD – biblio. - CJ)

IVE argumenta que as histórias do Antigo Testamento trazem lições e, da mesma maneira como foi citado pelas crianças, também IVE vê nessas histórias exemplos de obediência.

É como as pessoas procederam no passado, trazem lições de vida para eles. Pessoas que lutaram, que trabalharam... História de Moisés... obediência... Abrão, Fé... Ló, as histórias de Ló, a Arca de Noé... (IVE – prof. – EA)

As histórias que a gente faz... são histórias religiosas baseadas na Bíblia... de Pedro, Moisés, Sansão... São essas as histórias de crente. Tanto do Velho como do Novo (Testamento) (JAC – prof. – EA)

Bloon considera a Bíblia como “uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura” (BLOON, 2001, p. 15). Para esse crítico literário americano personagens como José do Egito, Jacó e Jeová são personagens magníficos. O velho testamen-

to no entendimento desse autor “é um trabalho dos maiores contadores de história do mundo ocidental cujos efeitos poéticos são extraordinários”. No entanto, Bloon chegou à conclusão de que “é melhor ler a Bíblia como literatura do que como texto religioso”, pelo menos não no sentido pensado pelos entrevistados, em que o texto bíblico está atrelado à doutrinação.

MAR concebe que as histórias da Bíblia oferecem às crianças a decisão e a escolha entre o bem e o mal.

Toda história... pega lá na Bíblia mesmo, tem o lado bom e o lado ruim também. E eles assim na hora que forem maiores, tem como tomar uma decisão. Eles vão saber se basear nas histórias, que já ouviram, que eles aprenderam (MAR – biblio. – EA)

Certas histórias bíblicas devem ser higienizadas ao serem contadas às crianças.

Contaria que Davi era um menino bom, que ele ajudava muito o pai e, não contaria o lado pesado da morte... de Golias... essa coisa... Não entraria em detalhes! (MAR – biblio - EA)

História da Bíblia é uma história que todo mundo, adulto e criança ouve, só que você vai modificar a forma de contar, e quando for estudar história, que nem a história de Jericó, eu não vou poder contar para eles da mesma forma que o adulto vai ler. Se eu mandar eles lerem a Bíblia eles num vão... compreensão... (VANI – prof. – EP)

Historicamente a Bíblia passou por várias reformulações, tendo como objetivo higienizar partes que os cristãos não deveriam ter acesso, pois “a leitura é sempre uma prática perigosa e, ao ler sem tomar certas precauções, os cristãos põem em perigo sua salvação” (CHARTIER e HÉBRARD, 1995, p. 21).

ON, coordenadora da EA, afirma que a escola integra as histórias bíblicas com outras com áreas do currículo.

Olha, a gente procura da história sagrada... Como a gente trabalha de maneira interdisciplinar; com os textos a gente procurar relacionar os assuntos... da história a gente faz uma ponte para as atividades seguintes. (ON - coord. – EA)

ON acredita que o primeiro objetivo ao se contar histórias bíblicas na escola é que os alunos possam

(...) através das histórias conhecerem e... também ajudá-los... na formação espiritual do aluno. Esse é o primeiro objetivo. (ON - coord. – EA)

VAN, coordenadora da EP, entende que as histórias da Bíblia foram escritas para contar a história do povo de Deus, da qual os membros da Igreja e, obviamente as crianças de sua escola são parte.

Olha, a história do Velho Testamento é mais sobre o povo de Deus. Entra História geral, entra todas as outras histórias, mas o artista principal, o alvo é a história do povo de Deus! A história do Velho Testamento é para chegar até o nascimento de Jesus e, daí o Novo Testamento vem contando a história do nascimento até a ressurreição, até a segunda vinda Dele. (VAN – coord. – EP)

VAN explicita que as histórias do Velho Testamento trazem para as crianças de hoje ensinamentos doutrinários como

(...) a confirmação de que Deus existe e, que ele está no controle daqueles que estão... Vamos supor que estou na Igreja... Eu aceitei Jesus... Então, eu sou povo de Deus! Confirmar que ele é fiel, e o que ele continua fazendo por nós. (VAN – coord. – EP)

Também nessa escola, através da “Devocional”, as crianças ouvem as histórias das personagens bíblicas e de suas experiências, tendo como categorização obediência versus desobediência.

(...) está sempre contando a história de Moisés, de todos os reis... Tem reis que foram bons, tem reis que foram maus. Conta porque um rei acaba e foi mau... o que o rei Saul fez, o que o rei Davi fez... É mais assim, pela obediência e a desobediência... O ensinamento para nós é mais isso, aquele que obedeceu cumpriu o que Deus determinou e chegou no final, ele teve um bom andamento na vida dele, aquele que desobedeceu sempre terminou em tragédia, porque não obedeceu! (VAN – coord. – EP)

Existe um personagem bíblico que, quando aparece em livros de história precisa ser trabalhada com as crianças, porque segundo VAN da EP, “o aluno pode tirar uma lição que talvez seja, ao meu ver, uma forma negativa, mas eu posso fazer uma compreensão positiva”. A figura do diabo, como é conhecido, é entidade que precisa ser afastada das crianças por meio do temor. Teme-se a Deus, teme-se a Satanás quase que nas mesmas proporções. Satanás porque é sempre a imagem do mal e Deus porque pode punir aqueles que o desobedecem. Não há saída a não ser pela obediência irrestrita a Deus.

A história do livro da 4ª série sobre o menino... o menino dormiu e teve um sonho. No primeiro momento como se fosse assim quase uma possessão que o menino tem contato com o diabo... É uma coisa que nós trabalhamos... que o diabo é uma coisa que a gente não faz caso de ter contato com ele, que nós queremos é ficar longe dele, que ele coloca as coisas ruins na sua cabeça, que você tá fazendo isso e aquilo... Mas eu coloquei por outro lado e mostrei que aquilo era um sentido figurado da coisa, que quando ele acordou, estava tendo como se fosse um sonho... (VANI – prof. – EP)

A frequência das histórias bíblicas, principalmente na EA, foi relatada pelos alunos e é confirmada pela professora IVE.

Toda semana tem duas histórias bíblicas, que a gente tem no manual do professor. Toda semana tem isso e, à medida do possível, quando a gente vê assim, que tem necessidade... acontece alguma coisa, a gente procura uma história educativa, assim, que combine com aquele momento. (IVE - prof. - EA)

Perguntei à IVE se na EA se contam mais histórias da Bíblia que outras histórias infantis.

Olha, a gente tem dado preferência para as histórias da Bíblia. (IVE - prof. - EA)

Como leitora da vida dos Santos da Igreja, IROD do CJ, afirmou que também as crianças procuram na biblioteca.

(...) às vezes, eles querem livro da vida dos santos... Dom Bosco, Madre Mazarello, Laura de Vicunha... Outro dia queriam São Cristóvão... queriam São Benedito. (IROD - biblio. - CJ)

Ao contrário das crianças da EA, que falaram sobre a fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, as crianças do CJ não fizeram nenhuma referência à vida dos santos fundadores da Igreja Católica Apostólica Romana. Também na EP não houve referência aos fundadores da Igreja Presbiteriana do Brasil por parte dos alunos. As histórias da Bíblia, contadas às crianças, continuam, como historicamente foram impostas: como passaporte para a salvação das almas. É um livro para ser usado como norma de vida cristã, e não como literatura para ser apreciado.

Neste contexto é possível concluir que a Literatura Infantil na prática pedagógica das escolas confessionais envolvi-

das na pesquisa é, cotidianamente, usada para a moralização. Nas duas escolas protestantes as histórias infantis são usadas, também, para a doutrinação nos princípios das Igrejas que patrocinam essas escolas.

Constatou-se que a leitura das histórias da Bíblia tem mais ênfase nas escolas evangélicas, embora sejam usadas na escola católica.

São histórias contadas às crianças com um caráter predominantemente moralizador.

Na prática pedagógica dessas escolas não existe equilíbrio entre o modo de leitura como fruição e apreciação estética e a busca de leitura utilitária voltada para o ensino edificante; a primazia é dada ao segundo. Nas escolas pesquisadas controla-se o prazer de ler em prol da leitura utilitária e do esforço da constante disciplina preventiva.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a Educação**. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BLOON, Harold. Leio, logo existo. **Veja**, São Paulo, Abril, n. 34, jan. 2001.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre a leitura na escola: 5 equívocos e nenhuma solução. **Cadernos 21**, jul./dez. de 1994.

_____. Máximas Impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura - 1880-1980**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. As práticas de leitura. In: **História da vida priva-**

da. Da Renascença ao Século das Luzes. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O Livro. Uma perspectiva de mudança In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História – Novos objetos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Dráuzio.** 9. ed. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **Olhar de descoberta.** São Paulo: Mercuryo, 1996.

KHÉDE, Sônia S. **Literatura infanto-juvenil – um gênero polêmico.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MANACORDA, Mário A. **História da Educação. Da antiguidade aos nossos dias.** Trad. Gaetano Lo Monaco. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MONROE, Paul. **História da Educação.** 17. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

PERROTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 1990.

_____. A criança e a produção cultural. In: BELINKI, Tatiana. **A produção cultural para a criança.** 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. Entre a ética e a Estética. **Releitura 2,** Belo Horizonte: Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, 1992.

_____. Leitores, ledores e outros afins. Apontamentos sobre a formação do leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor. Pontos de vista.** Rio de Janeiro: Argus, 1999.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** São Paulo: Ediouro, s.d.

WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre Educação.** Trad. Carlos Trezza. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

XAVIER, Francisco Cândido; VIERA, Waldo. **Timbolão**. 7. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1962.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lúcia Cademartori. O lugar do leitor na produção e recepção da Literatura Infantil. In: KHÉDE, Sônia S. (Org.). **Literatura Infanto-juvenil – um gênero polêmico**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____. **Literatura Infantil. Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Literatura Infantil: livro, leitura e leitor. In: BELINKY, Tatiana (Org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.